

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesense: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

"A Velha Guarda"

Melhora hoje a sua edição e espera que este melhoramento se mantenha no futuro. Era uma exigência que de há muito se impunha ao espírito Republicano desta cidade, mercê dos inúmeros problemas de carácter local que o jornal deve tratar assiduamente.

Enquadrada— muito embora — nos seus princípios políticos, *A Velha Guarda* entende muito bem que deve fazer alguma coisa em beneficio dos interesses regionais. E aproveita o ensejo de, nesta hora, saudar todos os Republicanos vimaranenses pela integerrima posição que vêm mantendo firmemente.

Vai para eles a expressão mais pura da sua simpatia.

Renova o seu convite de 24 de Agosto de 1929. As suas colunas continuam — como então — ao dispor dos cidadãos Republicanos que desejem honrá-las. Agora como ontem, como sempre, *A Velha Guarda* é um jornal para todos os Republicanos.

Para os Republicanos de todos os Partidos!

Para todos os defensores da Liberdade!

E' a *A Velha Guarda* o órgão do P. R. P. local — não devemos esquecê-lo para mais fácil compreensão dos factos.

E isto significa apenas que — no momento em que todos missionam a União Republicana — seria um atentado à mais rudimentar coerência ferir, nestas colunas, a dignidade colectiva deste grande Partido.

Eis o que será vedado a todos os que escrevem na *Velha Guarda*.

De resto, a União Republicana está, de há muito, feita.

Todos os cidadãos que militam no formoso Ideal pensam, hoje, de igual modo; isto é, há entre todos uma uniformidade de pensamentos instantâneos, sonoros, rubros.

Democracia e Liberdade!
Liberdade e Democracia!

E estes pensamentos fizeram a União.

Estava na ordem das coisas.

A Velha Guarda convida, pois, com a mais profunda veemência, a tomar parte na luta que travou contra a reacção, todos aquêles que podem fazê-lo.

E' um patriótico dever que se impõe aos Republicanos.

Seria cobardia recuar!

A luta está travada e recuar é arriscar a vida... é morrer talvez!...

Viva a República!

"O POVO,"

A Redacção da "Velha Guarda," faz scientes todos os Republicanos de que este futuro diário Republicano — "O Jornal sem dono" — brevemente será editado.

As acções da Empresa custam 10\$00. Aqui se pode fazer a inscrição dos accionistas de Guimarães.

Republicanos, ajudai a imprensa Republicana!...

Responsabilidades Partidárias...

Ninguém ignora que as Democracias são um vasto campo experimental de concepções políticas. A dentro duma Democracia é possível todo o aperfeiçoamento humano, a evolução serena e casta *do bom para o melhor, do belo para o sublime*. Move-a uma força dinâmica que a conduz eternamente na vanguarda da civilização, emprestando-lhe, a tôda a hora, a frescura vivaz da mocidade.

E' que — e a respeito do parvo derrotismo de certas castas atrazadas — ela vai aliando as necessidades e aspirações dos povos à sua própria "razão de ser". Este o motivo eloquente que há-de levar um dia a um *supremo acôrdo* as formosas teorias de todos os grandes pensadores da Revolução.

Porque elas são guiadas pelo mesmo farol libertador.

Nós desejamos coligir, neste momento, uma série de elementos para focar, com certa particularidade, a Democracia Portuguesa. Afigura-se-nos o facto duma flagrante oportunidade.

Os inimigos do regime esvurmam odiosamente sobre todos os homens da República. *Nemo* — sacerdote intangível duma seita de imorais — semeou *nemos* sinistros para acutillar os governos da República, *rasgando, ferindo, sujando* a honradez prestigiosa dos seus homens.

Satânico esforço da treva! Uivos tenebrosos das cavernas!...

A justiça, porém, é por vezes duma inaudita clareza ao definir os acontecimentos e a história tem o dom de *auscultar* os mais reservados pensamentos.

Os governos da Ditadura Militar tem, de quando em vez, palavras de rasgado elogio para os Estadistas que os antecederam. Palavras de rasgado elogio!

Recordemo-nos do que disse o titular da pasta das finanças — homem cujos sentimentos políticos diferem fundamente dos daqueles que elogiou por reconhecer honesta a sua obra.

Pois bem: nem assim deixam de vomitar ódios sobre a República os *nemos* que por aí abaixo mercadejam a boa fé da parte ingénua da nossa raça!

Dão-nos a impressão de que não acreditam nas palavras daquele estadista.

E' que — estamos certos disso — se lhes fôsse possível restaurar a monarquia, haviam de mudar forçosamente de pontos de vista. Teriam outra linguagem. Outra atitude seria a sua.

E então — como seqüência da sua enviezada ordem de ideias — o que eles não diriam da Ditadura!?... Seriam *as do fim*, simplesmente porque o Exército e Armada da República lhes não dá licença de mudar o hino e o estandarte verde-rubro.

Eles não servem Deus nem o Diabo. Flutuam à coca de oportunidade para trepar.

Não! Não treparão jámais, porque a sua causa faliu.

Há nêles uma ária que nos provoca o mais escancarado riso: é o seu incessante choviscar de asneices ao invocar as responsabilidades partidárias junto dos Governos Republicanos.

Tem-lhes respondido sobejamente a Ditadura, salientando a obra antecedente. E nós, a quatro anos e meio da actual situação, diremos em nome do mais caluniado Partido da República: o passado não envergonha os Homens da República, qualquer que seja o partido ou facção partidária a que pertençam.

Foram todos duma honestíssima isenção! A sua conduta irrepreensível!

E — reparem os *nemos* nesta amarga verdade — foram duma rara perspicácia ante os mais variados e difíceis problemas nacionais. Que a Ditadura não tem pejos de o dizer por factos incontestáveis; e os *nemos*, tolamente imbecis, ficam muito a perder de vista perante a realidade das coisas. Porisso, as responsabilidades do passado não amesquinham aquêles que tiveram a ombridade de tomá-las. Servem-lhe apenas de orgulho por sincera e devotadamente dedicarem à República o melhor do seu esforço. Erraram algumas vezes?

Nós reconhecemos felizmente que foram certos *nemos* infiltrados os que *verdadeiramente erraram* em nome da Democracia. Erraram voluntariamente pelo pouco amor à causa que serviam. E o erro máximo, sem dúvida, foi uma tolerância mal compreendida pelos que chamavam "quadrihas democráticas," aos agrupamentos políticos.

Deviam tê-lo provado perante os tribunais ou sofrer as conseqüências de tamanha audácia. Mas, estejamos bem certos, esse foi o passado que morreu.

Morreu. *E a República será respeitada por todos!*

São horas de se irem reabilitando certas atitudes depreciadas. Quanta mentira se disse sobre o regime! Quanta odiosa mentira!

Mas, há tanto tempo já que a Ditadura vem resolvendo tôda a mecânica da nossa actividade nacional sem nada encontrar de menos honesto ou mais comprometedor!...

E' que a época dos adiantamentos cessou em 5 de Outubro de 1910; e nós repudiamos os impostores que fingem — na sua enfática hermenêutica — exercer prodígios sobre o destino dos povos.

As coisas são o que são!

E o governo da Ditadura, que vem procurando a solução constitucional, já o reconheceu.

Muito bem.

Que sorte!...

Noticiou um correspondente de "O Século" em Bragado (Vila Pouca de Aguiar) que numa povoação daquela freguesia abateu um sobrado no momento em que o pároco de lá estava procedendo à encomendação de um cadáver. Morto e assistentes rolaram na maior confusão. Quan-

to ao padre, *ainda novo e lesto*, saltou por uma janela. Após o susto veio, enfim, a realizar-se o funeral.

Lamentamos o incidente por vários motivos. Nisto nada há de cómico, a não ser a pressa do sacerdote em pôr-se livre de perigo, o que se explica pela enorme falta de portas. Este ainda encontrou uma janela.

"Angola,"

Parece que esta colónia portuguesa do ultramar acusa o formidável déficit de um milhão e tal de libras. Em face disso resolveu o sr. Ministro das Colónias comprimir ali as despesas públicas.

A resolução ministerial é extrema e afigura-se-nos insuficiente. O

Que decepção!...

A imperatriz do Japão teve há dias a sua *delirance*.

As sirenes anunciaram o acontecimento às populações daquelas ilhas.

Caso simples!

Toda essa gente vinha levantando fervorosas preces *ao altissimo* para frutificar nas entranhas imperiais uma vergôntea do sexo masculino.

E a sirene apenas silvou uma vez demoradamente para atestar a feminilidade do neófito.

E' — pelo que nos dizem — a quarta vez que se dá este mal entendido entre o *divino* e os *fiéis*.

E' possível que ande tudo em *pecado* para aquelas bandas.

Com franqueza!

Lemos a nota oficiosa do Governo em que esta entidade exprôba certos indivíduos que fazem uso do telefone para uma campanha surda contra as instituições bancárias.

Com franqueza! A ser verdade, também nós reprovamos essa atitude.

Mas, ainda estamos na nossa: discorramos com a máxima lealdade daquela opinião. Porque os que dão estas alarmantes notícias ao Governo são porventura os que em tudo vêem especulação política contra a Ditadura.

Estamos certos disso.

E para prova do que afirmamos é o Governo ter em conta a febre dos boateiros quando desejavam comprometer os Politicos.

Para Lisboa

Seguiu o nosso amigo e sincero republicano, sr. Manuel Luís de Matos Júnior, onde foi submeter-se a concurso para secretário de finanças.

Felicidades.

imposto do indígena e os direitos alfandegários estão fortemente ilaqueados com a actual situação económica. A baixa assustadora dos produtos angolenses, como o milho, e a crise do comércio e do crédito que lá se patenteia, têm duras conseqüências. As receitas do Estado fizeram benefícios a alguns produtos nos transportes ferroviários.

As despêsas públicas aumentaram, sobretudo as militares, por causas de todos nós muito conhecidas.

Vem a propósito salientar que a administração do sr. Filomeno da Câmara foi muito desastrosa — como o reconheceram os próprios coloniais. E é chegada a hora de fazer justiça aos dotes administrativos do sr. Norton de Matos que nas colónias mostrou uma rara competência política.

Porisso o sr. Ministro das Colónias deve alargar a sua esfera de acção ao intentar debelar o déficit de Angola.

E' a nossa opinião.

Será possível?

O «Século» de 5 do corrente relatava, em artigo de fundo, um estranho episódio, ocorrido há tempos, em Loanda. «**Para quê?!**» — eram os dizeres que encimavam o referido artigo que, mais ou menos, dizia:

Que em casa do chefe do Estado Maior da Província rebentou, em tempos, uma bomba, sendo acusados de tal gesto, um oficial do Exército e um funcionário público;

Que a polícia nada averiguou contra êles de positivo, de concreto, de irrefutável;

Que esta autoridade usou para com os incriminados das piores torturas, chegando um dêles a ser barbaramente açoitado, a cavallo-marinho, por um negro;

Que a esposa dêste torturado pediu ao Juiz da respectiva comarca a sua intervenção, o que o magistrado intentou fazer, sem nada conseguir, por formal opposição do Comandante da Polícia;

Que não surgiu uma autoridade superior a esta entidade para obrigá-la a respeitar uma determinação do Poder Judicial;

Que um tribunal marcial, reunido a bordo do cruzador «Vasco da Gama», soube pôr um dos arguidos — o mais acusado e torturado — de maneira cruel e desumana usada pela polícia para arrancar-lhe a confissão do crime que não praticara;

Que as torturas usadas sobre êste infeliz foram duma ferocidade semelhante a dos canibais, visto ir já longe a dos carrascos do Santo-Ofício;

Que o tribunal absolveu os indigitados criminosos por meio duma sentença que, além do mais, diz «ter-se provado exuberantemente que os réus foram maltratados e metidos no segrêdo, onde foram conservados durante dias seguidos, tendo sido usados meios de tortura, condenados impróprios, desumanos e ilegais»;

Que em vista disto ficou condenada a polícia de Loanda, por ter usado contra os presos processos «condenados impróprios, desumanos e ilegais»;

Que, apesar desta ocorrência, ficaram nos seus postos os autores dêste desacato à lei, prontos a reincidir e a sofrer novas exaltações do tribunal marcial, sem se considerarem feridos no seu prestígio;

Que não se adoptou contra êles o mínimo procedimento judicial ou disciplinar, ao passo que o Juiz — correcto até mais não poder ser — foi transferido do crime para o civil sem se saber porquê;

Que tudo isto é, pelo menos, estranho.

Folgariamos que quem de direito esclarecesse êste episódio inquisitorial e fizesse justiça onde ela é necessária.

✳

Em resposta ao artigo do «Século» sobre o caso de Loanda, enviou à imprensa o sr. dr. Armindo Monteiro, ministro das Colónias, uma nota oficiosa fazendo a afirmação de que «nenhum valor pode ser dado ao primeiro julgamento, que decorreu numa atmosfera agitada pela paixão política».

Esta nota oficiosa motivou a seguinte carta do sr. dr. Pedro Correia da Silva (Paço de Arcos) que «O Primeiro de Janeiro» publicou em 10-3-1931:

«Ex.mo sr. dr. Armindo Monteiro, illustre ministro das Colónias—Li com espanto a nota oficiosa sobre os acontecimentos de Angola, publicada nos jornais de hoje.

Se o Supremo Tribunal Militar anulou o julgamento feito em Loanda pelo Conselho de Guerra, reunido a bordo do «Vasco da Gama» é porque decerto teve algum fundamento jurídico para assim proceder, e como ignoro qual seja êsse fundamento abstenho-me de discutir agora essa decisão.

Mas protesto firmemente contra a

afirmação feita na nota oficiosa de que «nenhum valor pode ser dado ao primeiro julgamento, que decorreu numa atmosfera agitada pela paixão política».

V. Ex.º decerto não ignora que a sentença dêsse julgamento foi proferida por unanimidade, e que o Tribunal era composto por um juiz de Loanda, pelo comandante do «Vasco da Gama» e por meu pai, que é actualmente chefe do Departamento Marítimo de Angola, e que como oficial de marinha, governador colonial e ministro das Colónias, numa longa vida pública demonstrou sempre exuberantemente nunca subordinar o cumprimento dos deveres que lhe são impostos pela sua consciência a qualquer interesse material ou a qualquer paixão política.

Esperando da lealdade de V. Ex.º se digna ordenar as providências necessárias para que a Censura à imprensa permita a publicação desta carta nos mesmos jornais em que apareceu a nota oficiosa, subscrevo-me de v. ex.º colega e admirador, Pedro Correia da Silva (Paço de Arcos). Guarda, 7-III-1931.

125.000 £

Transcrevemos da secção «Várias notas», do «Jornal de Notícias» de 2 do mês findo:

Afinal lá se tornou hoje pública a indemnização de 125.000 £, paga pelo governo português à Companhia do Niassa. Soube-se a notícia através informes da imprensa inglesa que os jornais de Lisboa reproduziram. Nada tenho a dizer além do que já disse.

O articulista da secção de onde extraímos esta notícia, teve o bom senso de clamar bem alto a nenhuma razão que assistia àquela Companhia ao pleitear com o governo português.

O Estado necessita de muita energia para reprimir os avanços das sanguessugas.

Um dos que arma em... papo-sêco

Préviamente diremos não conhecer o individuo. O sujeito apenas deixou vestígios da sua malcriadez e baixa cultura na sua passagem misteriosa pelo «Café Oriental».

Na noite de 11 do corrente encontramos sobre o chão, maltratado, um exemplar do nosso brilhantíssimo colega *Humanidade*. O pândego pintou a lápis numa das suas páginas, palavras obscenas como que a significar um «pau que rima com zorra» e a última parte da frase de Cambrone. Coitado! Que esta lhe sirva de alimento nas horas de menos abastança.

«Assassinato» dum cão

A' entrada da rua do Padre António Caldas foi morto à sacholada um destes animais que soffria de um ataque de gota, e fugia desesperado do Largo Martins Sarmiento, onde um engraçado lhe deu um tiro de espingarda e outro o espancou com o toco de uma vassoura.

Hoje em dia — que tantos penduricalhos se distribuem — não haverá uma medalha para os heróis?

Recomendamo-los à autoridade vimaranense.

Liga de propaganda contra o analfabetismo

Temos aqui um resumo dos fins dêste benemérito empreendimento que tem já a adesão de tudo o que há de bom em Portugal. A *Velha Guarda* associa-se a essa luta contra o maior inimigo da Pátria — o analfabetismo.

E' necessário combatê-lo imediatamente por enérgicos meios. Que o flagelo é a maior epidemia entre o nosso povo rural e serve de termómetro para quilate da inferioridade de um país. Para a frente.

AS OITO HORAS DE TRABALHO

Como é atraçoada esta disposição humanitária

Este jornal fez há dias uma vaga referência a uma ordem dimanada do governo civil em que se inculcava às autoridades vimaranenses o rigoroso cumprimento da lei das oito horas de trabalho. Foi — como acabamos de dizer — limitadíssima a referência que fizemos ao facto: um diminuto sueto em que mal se desprendia um pequeno comentário a atrocíssima verdade daquilo que, desgrazadamente, ainda existe.

Nós explicamos a nossa atitude.

«A Velha Guarda» é — pela afirmação do seu próprio cabeçalho — um órgão provinciano do Partido Republicano Português. Nesta ordem de ideias, vem seguindo aleveadamente a sua directriz que — de harmonia com a mais estricte lógica — não se extenua em curvas desnecessárias nem enverada por atalhos impossíveis de transpôr. Pisamos um chão muito sólido para não traíremos os seus princípios que defendemos.

Ora, como é de todos bem sabido, coube, a êste grande Partido da República, a glória de decretar o referido regulamento de trabalho.

Foi uma inolvidável glória — quer queiram ou não. E nós, que assistimos depois ao falseamento desta disposição regulamentar, vimos mantendo a mais serena expectativa.

E' que podia sêr nos atribuído o facciosismo partidário... num momento em que apenas desejamos coordenar elementos para a grande luta que um dia deve travar-se nas urnas.

Mas a serena transigência que vimos mantendo não significa, da nossa parte, transigência com os que exploram o braço trabalhador.

Nem por hipótese!

Não. A nossa ideologia é mais humana, por isso que é também a que sinceramente apasiona as multidões do universo. E' a que — a travéz dos séculos — vem lutando ao serviço dos homens. E as nossas galerias tem já tantos e tão generosos mártires como as do cristianismo.

Quem pode negá-lo —? — se a cada momento nos surge uma provação a que heroicamente resistimos para bem da humanidade?

As classes operárias encontram no nosso seio um coração para as amar. Que na nossa ideologia não existem preconceitos estúpidos nem desalmada sobrançeria. Os nossos intelectuais descem affectuosamente à oficina do operário para o abraçar como a um irmão a quem na vida foi dado desenvolver outro mister... que sendo mais rude é, não obstante, igualmente digno.

Se repararmos, os operários lutam por um bem que uma sã Democracia lhe pode dar. E as reivindicadas preconizham é o fruto do criminoso anavilhamento que as castas proscritas procuram effectuar no corpo sadio e probos das Democracias.

Que medite bem nisto quem o deve fazer!

Hoje, esgota-se nos a paciência e abrimos trincheira nas colunas dêste jornal para reprovar, alto e bom som, a indiferença que as autoridades vimaranenses manifestam ante a falta de cumprimento do regulamento do trabalho.

Manifestam indiferença, apesar de receberem em contrário ordens superiores.

Manifestam indiferença, porque constatamos hoje o mesmo estado de coisas.

Abrimos aqui uma trincheira para defendermos a vida, martirizada e útil, dos obreiros de tudo aquilo que significa necessidade absoluta e imediata.

Nada de ilusões!... O mundo

de hoje não é o que permitia ao velho senhor accorrenar os miseráveis da terra aos arados dos seus dominios. O mundo de hoje é outro; e seria dum largo alcance que todos reconhecessem antes que a força das circunstâncias a tanto obriguem os mais desprevenidos. E' que, então, o que agora pode ser desmazêlo será porventura crime amplamente punido.

A escravatura morreu; e, nas suas cinzas, gerou-se uma humanidade sciente da sua própria dignidade.

As oito horas de trabalho são uma das mais porfiosas conquistas das classes operárias. Pode lá calcular-se o inaudito esforço empregado nessa conquista! Seria odioso negar-se aos operários esta regalia, tão generosamente concebida por aquêles que vivem intimamente ligadas ao problema social.

«Oito horas de trabalho» foram, em dado momento, a solução perentória da crise de trabalho. Porque menos horas de actividade significam o emprêgo de mais braços — o que é justamente humano.

E a crise de hoje é talvez a mais aterradora dos últimos cem anos. Não há o direito de aumentar as horas de trabalho quando êste escasseia ferozmente.

E' uma desumanidade que — estamos bem certos — nenhuma teoria económica, por mais abastardada ou antiquada que seja, pode sanctionar.

Seria humano apenas diminuir as horas de trabalho para o emprêgo dos braços inactivos. Esta é — a nosso ver — a única solução do desemprego, que é forço terminar para que a paz universal perdure.

E nada de sistemas mesquinhos!... Que o homem necessita de trabalho para viver.

E há um direito que sobre todos se impõe: o de viver. Na «idade-média», saúde enorme do nosso clericalismo que lhe atribui luz e felicidade e paz e amor, não entrava êste direito na esfera conceptual da sociedade. O grande dispunha, a seu talente, da vida do vassalo. Este reconhecia-lhe a autoridade que a igreja romana lhe ensinava a respeitar.

Agora, porém, não se dá ainda isso, cremos nós. Trabalho não falta, se bem regulado. Chega para todos. Que os governos tomem isto a sério, se ainda é tempo.

Em Guimarães — não sabemos por que capricho — tem sido atraçoado o regulamento das oito horas de trabalho, sobretudo na indústria têxtil. Dizem-nos que as operárias trabalham doze horas por um sôlido vergonhoso. São três crimes que se cometem: desrespeito à lei, roubo às infelizes e o aumento de tuberculosos, que em Portugal toma o aspecto duma horrível peste. Sobre isto, ponhamos a crise aterradora do desemprego, circunstância aproveitada habilidosamente pelos industriais para lucrar. E' certo que as actuais contribuições são deveras asfixiantes, sobretudo ao da pequena indústria. Mas esta habilidade custa caro muitas vezes.

«O horário das oito horas» cumpre-se em Lisboa e Porto, etc. Na provincia é atraçoado; e cumpre ao governo zelar pelo seu rigoroso cumprimento.

Em Guimarães acentua-se a iniquidade do horário. Esperamos melhores dias... para o operário.

XYZ.

P. S. — Há coisas propositadamente omitidas neste artigo. Isso será possivelmente o motivo dum novo artigo que faremos publicar neste jornal. — XYZ.

Este número foi visado pela comissão de censura.

Os que dormem...

Alguns cavalheiros que assistiram à conferência do sr. Dr. Artur de Magalhães Basto, realizada na Sociedade Martins Sarmiento, no pretérito dia 9, foram acoitados dum teimoso ataque de sono. Devemos concordar, sem discussão, que isto não foi bonito. Um dos doentes, que dormia como aqueles que passam a vida junto dos anjinhos, só despertou com o estralar das palmas no final da conferência, e, tão preocupado estava com a *visão* do sonho, que, ainda mal despedido da *sonca*, que o havia consolado, quasi soltava um *riva* à monarquia, se um amigo não lhe puxa pela aba do casaco, e lhe diz: — Ainda está a sonhar?! E então, o *sonolento* ouvinte responde: — Mas o D. Sebastião não chegou?! Não, homem, por enquanto ainda estamos em República, responde-lhe o seu amigo. E são êstes devotados curiosos que vão assistir a uma conferência!

Sinais tristes dos tempos!!!

«Nemo»

Tem continuado a vomitar ódio, todo o ódio acumulado durante a sua vida.

Verdadeiro despejo!
O louco, já não tem sequer os raros momentos de lucidez.

Falta-lhe tudo. E só uma camisa de forças o pode reter em posição conveniente.

Um de-profundis... pela sua alma!

Que a terra lhe seja leve... quando êle passeia pelas ruas de Lisboa.

Senhor, tende piedade dêle!...

?

—?!...
— Um formidável incêndio nas trazeiras de um prédio...

— Como foi isso?

— Um grande amor que termina em conflito. Eles amavam-se, todos três, profundamente.

— Há romance, já vejo...

— Muito grande. O mais apaixonado tinha a febre a 60.º e não pôde resistir à sua dôr. Havia outro que apenas elevou o mercúrio até 47.º. E o último objecto de tanto amor...

— Mas houve incêndio?

— Houve, mas foi apagado com as agulhetas da bomba.

(Agência-Havas).

«Os mortos mandam»

Foi enviado ao illustre jornalista, Ribeiro de Carvalho, director do jornal *República*, o seguinte telegrama, assinado por grande número de republicanos vimaranenses:

«Guimarães, 10 — Sr. Director da *República*: Um grupo de republicanos de Guimarães sauda V. Ex.º pelo primoroso artigo *Os mortos mandam*... que calou profundamente nas almas republianas.»

(Seguem-se dezenas de assinaturas.)

A iniciativa partiu do nosso amigo e correligionário, sr. Francisco Gonçalves da Cunha, a quem por êste motivo felicitamos.

CASAS

Vendem-se três moradas de casas devolutas com quintal. Falar com Avelino Faria Guimarães.

Milagre!... Milagre!...

É mais, ninguém o havia de dizer...

Nos tempos que vão correndo, em cavalgada por esse futuro além, ficam sempre umas raspas de tudo o que era antigo.

De tudo o que era antigo, porque agora volta a ser moderno. Não sabemos se o leitor tem estado atento ao colorido film que, de há anos, se desenrola aos nossos olhos. Há, nessa interminável série de contrastes, muito que aprender.

A medida que o bom senso se escôa pelas juntas dos acontecimentos, procria o misticismo com furiosa duplicidade.

Os milagres multiplicam-se, sucedem-se uns após outros, sem que um bocado de decôr sustenha a onda fantástica de impossíveis que parece desconjuntar a sociedade.

São milagres de todos os tamanhos e feitios, a propósito de tudo e de todos.

Não levará muito tempo que —por este caminho— nos venham dizer: o pai Adão já vomitou o pomo que gulosamente ingeriu à beira da tentadora Eva. Está tudo doído!

Os autores de tantos feitos sobrenaturais dão-nos sempre uma tristíssima impressão: é a sua pequenez mental, que gera doentivamente o dislate da intervenção divina nas coisas rudes da terra.

Nós bem sabemos o alcance dessa odiosa mentira.

Há, neste planeta, uma vergonhosa enormidade de seres inferiores que ouvem de bôa fé todo o curioso que —bobo ou charlatão— se entrega a este vil comércio.

Os histriões conhecem o cómico das suas ridículas doutrinas: —as dos milagres.

Tem até uma inaudita coragem, porque passam inalteráveis diante de nós.

De nós que os apupamos! E seria uma injustiça, da nossa parte negar-lhes heroísmo ao surpreendê-los em... delicto, como é toda a delivrance do milagre.

Tem heroísmo! Um cómico heroísmo! Um heroísmo desopilante!

Tentar impingir um milagre, aos ingénuos, e à vista escancarada duma humanidade que eleva a sua cultura às exigências do século XX, é forçosamente um acto de cómico, de arrojado heroísmo.

Eles bem sabem que é uma ousadia, mas contam com a estupidez medrada da maioria.

E' a vertigem do momento que os inibe de raciocinar.

E' a vertigem!

E também é... fazer pouco.

Milagre! Milagre! —diziam os fiéis de S. Torcato, há bem pouco tempo. Estes gritos reboaram para aquelas bandas e chegaram até Lisboa; porque um correspondente desta aldeia concealhia —fervoroso de crença e muito largo de vistas— botou espiche no «Diário de Notícias», pintando o miraculoso de certas águas que ali brotam na chamada «fonte do santo».

As referidas águas, pelo visto, arrimam com a medicina para um canto. A um simples banho, pôde uma parálitica de há 25 anos considerar-se ilêsa e escorrecita; e a filha desta feliz miraculada padecia duma úlcera no estômago, porventura incurável sem o maravilhoso que —por um capricho famoso— a curou após exigua beberagem.

E agora o fim da história: o cavalheiro que tem a dita de assumir concomitantemente as funções de pai e esposo, destas umgidas, era —como já desconfiávamos— um descrente invulnerável.

Só uma façanha de tamanha monta o poderia converter.

Surgiu a façanha. O homem converteu-se...

Naturalmente vai para o céu, como os outros.

*

Dizem-nos que dois médicos constatarem a cura.

Não ousamos duvidar. Mas, o que eles não podem constatar é o milagre.

Os condes-aurorinhas, que so-bejam por esse mundo além, tem geiteira para ajudar às missas... e exploram, actualmente, a indústria do milagre. Lourdes é o môdêlo. Depois, há outras completamente montadas, como... Fátima, e até... Bitarães, de irrisória lembrança. Ainda há poucos meses, o sacerdote deste lugar-rejo, teve o mau gosto de vir a público autenticar a veracidade da aparição, entre as ramas dos pinheiros.

Espantoso! Que ideia farão de nós os industriais da missa?!

Aquilo, em S. Torcato, foi mais um fogueço que não pegou. Houve, possivelmente, conciliábulo onde pontificou qualquer cura e outros maiores.

E o milagre foi resolvido, de ante-mão, para chamar ali os devotos. Nenhum alarido. Não vá surgir o fiasco!

Pobres... H. Belém.

N. R. — Concordamos com o autor em tudo que diz. Agora, a respeito de milagres é que... S. Torcato um portento.

Câmara Municipal de Guimarães

Sessão de 4 de Março

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Ficou inteirada do Balanço, dado pelo tesoureiro, da semana finda em 28 2-31.

Em depósito na C. G. de Depósitos 140.000\$00
Existente em dinheiro no cofre 9 388\$28
149.388\$28

Offícios: Do Governador Civil e da Direcção Geral da Saúde.

Circular da Direcção Geral da Administração Pública, sobre os emolumentos do Administrador.

Do presidente da Sociedade de D. e Propaganda de Guimarães, pedindo a colaboração na homenagem ao Dr. João Mota Prego, a propósito da concessão da Gran-Cruz de Mérito Agrícola.

Da Junta Geral do Distrito, informando que a mesma resolveu contrair um empréstimo, na Caixa Geral, de 200 000\$00, para a construção de edifícios para colónias balneares infantis.

Do Chefe da repartição de Finanças dizendo não poder suspender as multas em virtude da portaria n.º 6 065.

Foram aprovados diversos requerimentos.

Autorização de pagamentos. Casas económicas. (Ver edital).

Maria Adelaide Dias Pinto de Castro Fernandes

Agradecimento

A família da saúdosa Maria Adelaide Pinto Dias de Castro Fernandes, julga ter agradecido a todas as pessoas que a cumprimentaram por ocasião do triste desenlace, mas podendo ter-se dado qualquer falta involuntária vem por este meio repará-la, testemunhando a todos o seu reconhecimento.

Guimarães, 11 de Março de 1931.

Sociedade Martins Sarmiento

Duas conferências notáveis

Mais uma vez a Sociedade Martins Sarmiento realizou no dia 9 de Março —sob o pendão nobilitante de Organização Promotora da Instrução Popular no concelho de Guimarães— a interessante sessão solene dedicada à distribuição de prémios pelas crianças que mais se distinguiram no curso completado em 1930 (Julho) e pelas que, ainda frequentando a escola primária, já vão dando provas de distinção.

Foi igualmente entregue um prémio pecuniário ao professor que, tendo regido as quatro classes, apresentou numero mais elevado de alunos ao exame de 2.º grau.

Este coube à illustre professora do Asilo de Santa Estefânia de Guimarães.

Como é timbre daquela Sociedade, decorreu a festa com elevação, sendo ilustrada com uma conferência sob «A Leitura, a História e a Educação Cívica na Escola Primária», muito bem lida pelo illustre professor na cidade do Pôrto, Ex.º Sr. Pires de Lima.

Sua Ex.ª mostrou que se tem dedicado com vontade e acerto ao estudo e applicação da pedagogia e metodologia mais adequadas e proficuas do ensino destas importantissimas disciplinas do programa da Instrução Popular, além de nos apresentar trechos seleccionados que comparou com outros de feição mais antiga e que ou iludiam o tema que se propunham versar ou o traíam.

Bem hajam todos os que concorram para que a literatura infantil satisfaça ás exigências de uma instrução educativa isenta de todo e qualquer jacobinismo e que se nivele pela das nacionalidades progressivas.

A conferência foi especialmente notável sob o aspecto de uma exposição de pedagogia prática.

Registamos com o merecido louvor a atitude do distinto inspector adjunto da R. Escolar de Braga, senhor Viriato de Almeida, que secretariava a presidência, defendendo na generalidade o professorado primário português de acusações levianas e fazendo inteira justiça ao professorado de Guimarães, ora seu subordinado. No ouvido de sua ex.ª ecoaria ainda a voz que ali se tinha feito ouvir em 9 de Março de 1930.

Presidiu à sessão o Ex.º Sr. António José Pereira de Lima que em nome da Comissão Administrativa Municipal, sendo secretariado pelos dois illustres conferentes, Meretissimo Juiz, Inspector Escolar e Presidente da Sociedade M. Sarmiento, Dr. Eduardo de Almeida, abriu a sessão com um brilhante discurso.

Foram distribuidos uns 180 prémios pelas crianças.

*

A' noite realizou o Ex.º Sr. Dr. Magalhães Basto da Faculdade de Letras do Pôrto a anunciada conferência sobre o «Nacionalismo no tempo dos Filipines».

Noite chuvosa. Ainda assim compareceu grande numero de familias que aplaudiram o conferente, o qual se houve à altura dos seus méritos.

Bombeiros Voluntários

E' sempre com licito orgulho que registamos todo e qualquer avanço no progresso material ou moral da nossa terra, tôda e qualquer manifestação de sentimentos elevados que de si deixem, perduravelmente vincada, em abertos sulcos de abnegação e heiroísmo, uma nobre linha de conducta dos filhos de Guimarães. As grandes

obras humanitárias, só são apreciáveis quando delas se colhem bons resultados.

Esta terra privilegiada e tão cheia de belezas naturais, possui actualmente um certo número de Associações que a acreditam e impõem, quer aos estranhos, quer aos seus próprios filhos. Dentre essas Associações marca com justiça a dos Bombeiros Voluntários. Do que esta Associação tem produzido, do seu valor, fala bem alto com uma eloquência impossível de igualar em palavras, a grande parada e o seu quartel magnífico, que só por si honram bem a nossa terra. Nas três casernas agora reelinadas, há muita coisa, tantas e tão variadas, que difficilmente se podem abran-ger e apreciar numa simples visita! Ali temos a felicidade de encontrar abundante material, carros de primeira categoria. Agora vai inaugurar-se o novo pronto-socorro, um imponente e magestoso Pipe que partirá para futuras batalhas com a consciência do seu valôr e da sua força.

Prestes a receber o baptismo terá como padrinho o ofertante do chassi Ex.º Sr. João Rodrigues Loureiro, e virá a chamar-se Luçitânia.

Para o carro, será isso mais um motivo de orgulho, e para os nossos voluntários é com certeza a melhor homenagem de gratidão de um oferecimento tão generoso, quanto patriótico e que merece ser registado.

O novo carro em que as disposições das ferramentas é diferente da que até hoje era seguida, tem consideráveis melhoramentos no engate da moto-bomba, agulhetas, escadas e outros apetrechos. Comporta dez homens e é pintado a encarnado e preto, as côres da corporação, e guardado a filetes amarelos. Foi planeado sob a direcção dos Ex.ºs comandantes e do hábil chauffeur da corporação sr. João Garcia.

Quem quizer admirar um excelente trabalho de linhas simples e segurança, saído das oficinas da corporação, e aquilatar o quanto pode e vale a força de vontade ou energia de um bom e zeloso serviço, vá examiná-lo e terá o convencimento de que não exageramos. Tudo isto demonstra que o serviço de incêndios progride e vai merecendo a especial atenção de todos os que amam o progresso e cuidam da protecção e segurança pública. No cuidado arquivo de factos desta natureza de justiça é que, com prazer anunciamos que os nossos simpáticos Voluntários festivamente levam a efeito, com grande brilho no próximo dia 19 do corrente o 54.º aniversário da sua fundação. Por enquanto ignora-se o programa das festas. Sabe-se que haverá recepção a uma honrosa delegação de heróicos Voluntários de Cascais, sessão solene e baptismo de pronto-socorro.

A. F.

Antônio de S. Guise

Restabelecido da doença de que há tempos vinha sofrendo, encontra-se entre nós o nosso bom amigo e valioso correligionário, sr. António de Sousa Guise.

Folgando imenso com isso, apresentamos-lhe os nossos parabéns.

Teatro Gil Vicente

Nos últimos dias foram passados com agrado os filmes o Rei do volante, a Hora fatal, Vencedor do mêdo e Uma paixão duradoura.

EDITAL

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CAMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE GUIMARÃES

FAZ PÚBLICO que, pelas 14 horas do dia 1 de Abril do corrente ano, se procederá no edificio dos Paços do Concelho, ao arrendamento em hasta pública das «Casas Económicas» construídas na rua do Capitão Alfredo Guimarães (alto dos Palheiros), desta cidade, sendo estabelecida como base de licitação a renda mensal de 60\$00 por cada casa e mais \$10 por metro quadrado de terreno para quintal, da maneira seguinte:

Casa n.º 4 —	60\$00	×	12\$60
» » 6 —	60\$00	×	6\$81
» » 8 —	60\$00	×	10\$55
» » 10 —	60\$00	×	14\$08
» » 12 —	70\$00	×	21\$86
» » 14 —	60\$00	×	21\$93
» » 16 —	60\$00	×	23\$91
» » 18 —	60\$00	×	22\$12
» » 20 —	60\$00	×	14\$26

Estas casas não tem água encanada.

As condições podem ver-se às horas de serviço na Casa da Câmara.

Guimarães, Secretaria da Câmara Municipal, 6 de Março de 1931. E eu, Américo de Oliveira Durão, chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Vice-Presidente, Duarte do Amaral Pinto de Freitas.

BANCO DE PORTUGAL

Agência de Guimarães

Está em pagamento o dividendo das acções d'este Banco, referente ao 2.º semestre de 1930, na razão de 35 %, cativo dos respectivos impostos legais, pagando-se por cada acção nominativa a importância líquida de Esc. 29\$89 e por cada acção ao portador Esc. 28\$92.

Pela Agência do Banco de Portugal em Guimarães,

Os Agentes, Heitor Campos António de Lencastre.

Dicionário Corográfico

de Portugal Continental e Insular

de AMÉRICO COSTA

Registo minucioso e meticoloso de tôdas as Cidades, Vilas, Aldeias, Povoações, Lugares, Lagos, Cabos, Castelos, Termas, Praias, Praças, Monumentos, Minas, Serras, Montes, Estações, Ribeiros, Rios, Matas, etc.

Está sendo publicado em tomos mensais de 80 páginas no formato de 0,24 x 0,14, ao preço de 5\$00, franco de porte para o continente e ilhas. A obra é ilustrada com mapas a 3 côres, impressos em papel especial.

Está em distribuição o tomo n.º 17 e continuam a receber-se assinaturas na Livraria de L. Oliveira & C.ª, à Rua da República, desta cidade.

<p>Faria & Fernandes, L.^{da} Largo Prior do Crato — GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p style="text-align: center;"><i>Fabrico de:</i> <i>Chapeus e Guarda-chuvas.</i> <i>Oficina de concertos.</i> <i>«Stock Firestone»: Depositários.</i></p>	<p>Drogaria do Toural DE João Garcia d'Almeida Guimarães Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">TINTAS, VERNIZES E VIDROS</p>	<p>Sapataria Elegante DE Artur d'Oliveira Sequeira Largo Prior do Crato GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">Especialidade em calçado fino e concertos</p>	<p>CASA DE SANTA TERESINHA RUA DA REPÚBLICA, 122 GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">Papellaria e Livraria Artigos Religiosos e Objectos de escritório</p>
<p>FABRICA DE PENTES DO RIBEIRINHO</p> <p style="text-align: center;">FORNECEDORA DOS PRINCIPAIS ARMAZENS EXPORTADORES</p> <p style="text-align: center;">TELEFONE N.º 128 GUIMARÃES — Portugal</p>	<p>CASA DAS GRAVATAS DIAS & CARVALHO, L.^{da}</p> <p style="text-align: center;">CHAPELARIA, CAMISARIA E GRAVATARIA.</p> <p style="text-align: center;">43 — Rua da República — 47 TELEFONE N.º 188 GUIMARÃES</p>	<p>ATOALHADOS E LINHOS Gençalves & Castro, L.^a</p> <p style="text-align: center;">Largo Prior do Crato, 7 GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;"><i>Lindas coleções de bordados de Gui- marães e sortido completo de tecidos próprios para enxovais</i></p>	<p>PADARIA ALMEIDA DE José Mendes Guimarães Rua Elias Garcia, 63 GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">Cereais e Farinhas</p>
<p>Bernardino Jordão, Filhos & C.^a PHILIPS RADIO Os melhores receptores</p>			
<p>Grande Armazem de Exportação DE Augusto Mendes Rua de Gil Vicente GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">Calçado, Cutelarias e Pentes</p>	<p>DROGARIA MODERNA DE Fernandes Guimarães & Irmão, Suc. Rua da República GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">Tintas. Louças e Vidros. Vernizes.</p>	<p>Manuel Jesus de Sousa Farmacêutico Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">SERVIÇO PERMANENTE E SORTIDO COM- PLETO DE TODAS AS ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS.</p>	<p>CASA HIGH-LIFE, Filial de Benjamim de Matos & C.a, L.da Toural — GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">O seu intento é, com os preços e qualidades de todos os artigos que vendem, convencer o público de que se esforçam o máximo para lhe fornecer artigos bons e garantidos por preços razoáveis. SECÇÃO DE MODAS.</p>
<p>Antiga Casa Patricio DE José Fernandes Martins Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;"><i>Especialidade em artigos de mercearia fina.</i></p>	<p>A. J. Ferreira da Cunha Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">Sortido completo em ferragens finas para usos industriais.</p>	<p>Papelaria Central DE Francisco Ribeiro de Castro Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;"><i>Artigos fotográficos, papelaria, livraria e tabacaria.</i></p>	<p>Armazem de Mercearia por junto e a retalho DE Francisco Lopes Martins Rua de Gil Vicente — GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;"><i>Depósito de telha Marselha e tubos de grés.</i></p>
<p>Grande Hotel do Toural Quartos excelentes e esmerada cosinha à portuguesa.</p>	<p>Pensão e Restaurante Central Excelente serviço de mesa e quartos. Largo da Condessa do Juncal</p>		
<p>João do Couto Salgado</p> <p style="text-align: center;">Mudou o seu escritório de solicitador para a Rua 31 de Janeiro, 111 GUIMARÃES</p>	<p>Casa Martins Largo Prior do Crato GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">Completo sortido em meias e peúgas de seda e fio de escócia. Artigos de menage. Chapelaria, gravataria e guardassolaria. Artigos sempre de novidade e bom gosto.</p>		<p>Leite & Figueiredo</p> <p style="text-align: center;">Materiais para construções Cal, tintas, vernizes, tubos de grés e telha de Marselha. Largo da Condessa do Juncal — GUIMARÃES</p>
<p>GARREIRAS DE CAMIONETE ENTRE GUIMARÃES E PORTO</p> <p style="text-align: center;">Escritório: Casa Almério Ferra Toural — Guimarães</p>	<p>António Ferra, Filho Largo D. Afonso Henriques GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">Completo sortido em ferragens finas e artigos de menage. Escritório de Camionetes para o Pôrto</p>	<p>JOSÉ MENDES GUIMARÃES R. de Gil Vicente, 71 — GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">Depósito da excelente palha tri- lhada em fardos, bancas de lousa para barreiros, oleados e carvão de coke para cosinha.</p>	<p>Braga & Carvalho, Limitada Praça de D. Af. Henriques — Guimarães</p> <p style="text-align: center;">ARMAZEM DE MERCEARIA FINA e Escritório das Camionetes para Braga e Pôrto.</p>
<p>«O BARATEIRO» Rua Dr. Avelino Germano — Guimarães</p> <p style="text-align: center;">Depósito de calçado para ho- mem, senhora e criança. Gra- vataria e miudezas. Completo sortido em guarda-chuvas para homem e senhora.</p>	<p>L. D'OLIVEIRA & C.^a Rua da República GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">Completo sortido em tabacos nacionais e estrangeiros. LIVRARIA E PAPELARIA.</p>	<p>ANTÓNIO DA ROCHA BRAGA (Mestre de obras)</p> <p style="text-align: center;">Encarrega-se da construção de qualquer obra de pedreiro, ga- rantindo a sua boa execução. Avenida número 2 GUIMARÃES</p>	<p>MANUEL MACHADO Miradouro — Guimarães</p> <p style="text-align: center;">Fabrico de cutelarias. O melhor no género. Acabamento garantido.</p>
<p>Joaquim Ribeiro Moura (Marca 35) Pisca — GUIMARÃES</p> <p>Fábrica de Cutelarias e Tecidos Premiada nas várias exposições a que tem concorrido.</p> <p style="text-align: center;">A título de experiência, aconselha-se uma visita a esta acreditada casa.</p>	<p>ANTÓNIO PIMENTA Largo da Misericórdia GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">Grande armazem importador de arti- gos de novidade, miudezas e quinquilharias.</p>	<p>José Francisco da Silva, Filho & Genro «Marca 5» Miradouro — Guimarães</p> <p>Fábrica de Cutelarias em todos os géneros. Garante-se o seu acabamento e fabrico.</p>	<p>Manuel José de Carvalho Rua de Paio Galvão GUIMARÃES</p> <p style="text-align: center;">Armazem de mercearia por junto e a retalho. Depósito de Aguas Minerais.</p>